

Eis pois como os observadores, que mui perfunctoriamente vamos citando, explicam os factos controvertidos.

No figado e no rim encontram elles relações de continuidade entre o interior dos vasos e certas accumulações de globulos brancos formadas no stroma d'estes órgãos, sendo no rim acompanhadas em alguns pontos, se bem que em fraquissimas proporções, de globulos rubros. D'aqui facilmente se infere que da ruptura dos capillares provém aquella extravasação de globulos brancos nos tecidos, dando esta origem facil explicação das grandes hemorragias, que no decurso da doença se manifestam.

Duas causas attribuem ainda os mencionados observadores ás neo-formações lymphaticas organisadas. Uma, é a que os outros auctores lhe conferem, e consiste na hyperplasia do tecido conjunctivo; a outra, são os mesmos globulos brancos extravasados, que os nossos observadores consideraram como cellulas embryonarias, capazes de concorrer para a formação de um novo tecido; podendo-se explicar a quasi constante ausencia dos globulos rubros, entre os brancos extravasados, pela rapida destruição que elles soffreriam uma vez insinuados entre os tecidos.

Se não é facil, aceitando a opinião de Forster, explicar simultaneamente, pela mesma dyscrasia sanguinea, as hemorragias e as thromboses, melhor rasão dão dos dois factos concomitantes as explicações dos observadores que levamos citados.

Os globulos rubros, dizem elles, circulam com mais facilidade, porque são lisos e reductiveis, em quanto que os brancos são mais volumosos no homem, rugosos na sua superficie e dotados de um poder adhesivo, que foi reconhecido por Poiseuille. Ora, como o numero dos globulos brancos augmenta consideravelmente na leucocythemia, e o seu volume ganha proporções mais elevadas, segue-se que a circulação capillar ha de afrouxar e até annular-se em alguns órgãos, provindo d'esta accumulação na rede capillar já a estagnação e consecutivamente a coagulação nos vasos arteriaes ou venosos, o que está completamente de acordo com o que se sabe a respeito das thromboses.

Os factos e a explicação, que não são asserções gratuitas, mas fundamentadas, ahí ficam apontados como estímulo a novos estudos.

C. B.

(*Escholaste Medico.*)

SOCIEDADE IMPERIAL DE CIRURGIA DE PARIS

SESSÃO DE 15 DE MAIO DE 1867

Discussão sobre o tratamento da syphilis pelo mercurio.

(Continuação da pag. 107.)

Se as preparações hydrargiricas houverem de ser riscadas do catalogo therapeutico adequado á syphilis constitucional, o que por emquanto é mais do que improvavel, não será á falta de quem lhes entoe louvores e lhes exalte as virtudes anti-syphiliticas. É de tanto prova o que pelo sr. Velpeau foi dito n'esta sessão em abono dos mercuriaes.

O respeitavel professor da *Caridade* não só defendeu admiravelmente o uso do mercurio na syphilis, como ainda mostrou os erros que, na melhor boa fé, têm servido de apoio aos que condemnam aquella pratica. Assim, por exemplo, Desruelles tratava systematicamente todos os seus doentes syphiliticos sem mercurio, mas o que o pratico de Val-de-Grace ignorava era que grande numero dos doentes que saíam curados tinham estado sujeitos ao uso dos mercuriaes fornecidos clandestinamente pelos enfermeiros. Por este modo figuravam na estatística dos anti-mercurialistas, curas que exclusivamente pertenciam ao partido opposto!

Citando este exemplo, nem por isso o sr. Velpeau crê que a cura da doença seja impossivel na ausencia do tratamento mercurial e mesmo na de qualquer tratamento; comparando a infecção syphilitica a um envenenamento, é levado por analogia a crer que o virus, como o toxico, possa, depois de ter manifestado mais ou menos energicamente as suas propriedades deleterias, soffrer uma elaboração tal que venha a ser destruido e eliminado do corpo pelas unicas forças organicas. Mas nem sempre isto succede, e então, só o mercurio póde valer ao doente, cujo organismo se mostre impotente para, só por si, se despojar do virus.

A opinião do sr. Velpeau resulta de experiencias feitas em doentes syphiliticos, aos quaes eram applicadas, em fricção, pomadas inertes, mas coloridas differentemente para simularem conter principios activos, pois que só n'esta persuasão os doentes deixariam de reclamar os medicamentos fornecidos clandestinamente pelos enfermeiros. Pois com o innocente uso d'essas pomadas, que nem um atomo de mercurio encerravam, metade dos doentes curavam-se. A outra metade porém carecia da intervenção mercurial, e então a cura effectuava-se por maneira que o sr. Velpeau affirma serem os effectos beneficos devidos ao mercurio e só ao mercurio.

Muitos foram os exemplos que o illustre professor de clinica adduziu em reforço das suas idéias, e nos quaes a administração do licor de Van-Swieten, das pilulas de proto-iodureto de mercurio ou o uso externo da pomada napolitana, pozeram termo a accidentes syphiliticos rebeldes a toda a casta de meios anteriormente empregados.

O methodo que o sr. Velpeau disse preferir para administrar o mercurio, é o das fricções com a pomada; mas longe de concluir d'aqui para rejeitar qualquer especie de acção geral do medicamento vê, pelo contrario, na absorpção cutanea d'este a condição *sine qua non* da proficuidade do mercurio. Para obviar aos incommodos accidentes, que não raras vezes sobrem ao uso das fricções de pomada mercurial, as irritações cutaneas, recommenda o sr. Velpeau que se não fricçãoe duas vezes no mesmo ponto antes do intervallo de quinze dias, preceito facil de observar sempre que se for variando a séde das fricções.

Alem da pomada, ainda o sr. Velpeau lança mão do licor de Van-Swieten para combater os accidentes primitivos, e do proto-iodureto hydrargirico, quando se trata de remediar accidentes secundarios. No periodo terciario é o iodureto de potassio o indicado a seguir, e será o seu uso tanto mais assignalado quanto mais impregnado de mercurio for elle encontrar o organismo.

Outro conselho dado pelo distincto professor é o de continuar a administração dos medicamentos até alem do desaparecimento dos symptomas locais, pois que este desaparecimento não significa desde logo a cura da doença que deve ser combatida por um tratamento atuado ao menos por tres mezes.

O sr. Velpeau rematou as suas auctorisadas observações dizendo que: se a syphilis é susceptivel de se curar sem mercurio, o tratamento mercurial nem por isso deixa de ser o melhor que se possa oppor a esta doença, assim como a quina é o melhor remedio para curar as febres intermitentes.

Em seguida ao sr. Velpeau fez-se ouvir o sr. Després em desabono do mercurio, e tão crente se mostrou na improficuidade d'este medicamento que da propria argumentação do sr. Velpeau soube tirar partido em desproposito do uso dos mercuriaes. Com effeito, diz o sr. Després, se a syphilis é um envenenamento, é necessario que o mercurio para ser util vá neutralisar o toxico mesmo na torrente sanguinea, o que é inverosimil, porque constituiria isso o unico exemplo de poder um veneno ser annullado depois de absorvido.

Não é este o unico nem o maior dos argu-

mentos que o sr. Després faz valer contra o tratamento mercurial da syphilis. Com a estatística em punho pretende elle evidenciar a inutilidade, senão a desvantagem, de similhante therapeutica.

A estatística apresentada é-lhe propria; refere-se aos doentes entrados no seu serviço do hospital de Lourcine; abrange um anno, desde 24 de fevereiro de 1866 até 23 de fevereiro de 1867; o numero de doentes sobe a 234; cancro duro, placas mucosas, roseola, syphilides variadas, taes foram as lesões que, differentemente combinadas, os enfermos apresentaram.

Pelas historias progressas foi facil saber-se que a proporção entre os doentes sujeitos previamente ao tratamento mercurial e os submettidos apenas ao tratamento tonico era de 2 : 1.

Comparadas debaixo do ponto de vista da utilidade auferida pelo tratamento anterior á entrada no hospital, v u-se que o numero d'aquelles que tinham tomado inutilmente o mercurio estava para o dos outros que sem vantagem usaram o tratamento tonico, como 14 : 5.

A estas presumpções favoraveis aos tonicos vieram dar o grau de certeza os resultados colhidos no decurso do tratamento hospitalar. Emquanto que apenas 9 por cento dos doentes tratados pelos tonicos recairam, o numero d'aquelles a quem succedeu outro tanto depois de tratados pelo mercurio sobe a 15 por cento.

Ou porque não confiasse demasiadamente nos unicos fructos da sua observação, ou porque julgasse dar mais força ás suas opiniões corroborando-as com o resultado da pratica alheia, foi o sr. Després investigar o que se passava, relativamente ao assumpto debatido, no hospital de S. Luiz, e ahi reforçou o convencimento de que o mercurio quando não seja danoso é pelo menos improficuo no tratamento da syphilis.

A falta de observações sufficientemente numerosas e concludentes em favor do tratamento mercurial permite ao sr. Després a persistencia n'aquelle modo de ver com tanto mais fundamento quanto elle invoca em seu auxilio as 57 observações do illustre syphilographo de Lyão, o sr. Diday, que provam a boa pratica da expectação.

Um outro motivo da dissidencia do sr. Després existe na desharmonia que entre os syphilographos reina quando se trata de saber qual o periodo da doença mais asizado para a intervenção mercurial e qual o preparado hydrargirico a todes preferivel como anti-syphilitico.

Ainda a circumstancia de não obviar o mer-

curio á manifestação dos accidentes terciarios, cujos é específico o iodureto de potassio; medicamento igualmente util aos que têm e aos que não têm usado anteriormente os hydrargiricos, leva o sr. Després a afastar-se das idéas professadas pelos srs. Velpeau, Verneuil, Guérin, Cutlerier &c.

Porque nem sempre ao cancro duro se segue alguma outra manifestação syphilitica, é o sr. Després levado a negar aos seus antagonistas o direito de attribuirem certos triumphos á efficacia do mercurio, poisque ninguém poderia dizer se mesmo na ausencia de qualquer tratamento a syphilis não ficaria desde principio limitada ás suas primeiras e mais benignas manifestações.

Passa o mercurio por ser um discrasico, um debilitante do organismo, e d'ahi se tem inferido o seu poder anti-syphilitico como tendo por aquelle processo a faculdade de impedir o desenvolvimento das neoplasias e de lhes prevenir as reproduções. Pois o sr. Després está bem longe de ver n'esta theoria outra coisa alem de pura illusão; para elle o mercurio não faz mais do que sommar a cachexia, que lhe é propria, á cachexia que a doença origina.

Conforme com estas idéas e additamento a ellas vê o sr. Després nos tonicos medicamentos naturalmente indicados para produzirem no organismo o grau de força necessario e indispensavel para a *espontanea* eliminação do virus syphilitico. A cura das febres paludosas pela quina, e a do *delirium tremens* pelo opio, são exemplos que o sr. Després invoca em abono das suas vistas, por isso que em qualquer d'estes dois casos o medicamento não *neutraulisa o toxico*, mas põe o organismo em circumstancias de o eliminar pelos seus emunctorios. Mais ainda. Nas febres eruptivas o que cura a doença, são as manifestações cutaneas por onde o virus se esgota...

No lugar que outros conferem ao mercurio põe o sr. Després os tonicos, o ferro o oleo de figados de bacalhau, o regim'n e o iodureto de potassio em pequenas doses. *Este ultimo medicamento aproveita por excitar o appetite e ajudar a reconstituição do sangue.* Nem toda a gente assim pensará, mas é o Sr. Després quem o diz. Como ultimo argumento em favor da sua therapeutica lembra o sr. Després a quasi identidade entre a escrofula e a syphilis; d'aqui a identidade do tratamento.

No dizer do sr. Després o que salva os syphiliticos não é o mercurio, são os tonicos que conjuncta ou subsequentemente se costumam addicionar-se-lhes; se o mercurio não causa estragos é pelo bom habito em que se está de o dar em muito pequenas doses.

O sr. Després terminou, mas o debate continua e é de crer que em discurso o sr. Dépaül impugne depois, como agora o fez em ápartes; as idéas do primeipo.

(Gazeta medica de Lisboa)

VARIEDADES.

HOMICIDIO VOLUNTARIO; CONDENNAÇÃO DO CRIMINOSO SOB PROVAS CIRCUMSTANCIAES, ESPECIALMENTE DA ORDEM MEDICO-LEGAL.

No *Medical Times and Gazette*, de 5 de outubro ultimo, vem relatado um caso curioso de um individuo que allegava ter sido assaltado durante o somno por uma mulher com quem vivia, a qual, tendo tentado degolal-o, se suicidára pouco depois, em quanto elle procurava soccorro. Esta era, ao menos, a historia que elle contava, e o modo porque explicava a morte d'aquella mulher occasionada por um profundo golpe no pescoço. Eis aqui como o caso se passou, e o modo por que procedeu a justiça, e o tribunal do jury que se occupou por dous dias inteiros só com esta causa.

O criminoso chama-se John Wiggins, e a mulher Ignez Oates.

As cinco horas da manhã do dia 24 de julho, appareceu Wiggins vestido, na rua em que morava, com um golpe no pescoço ao mesmo tempo que se dava o alarma de assassinato.

Entrando alguns vizinhos no quarto de Wiggins, encontraram a mulher estendida no chão, morta, e com a garganta cortada profundamente.

Quando se deu o alarma ás cinco horas, disse elle que a mulher tentara assassinal-o, degolando-o, quando elle dormia vestido, e que correndo elle ao quarto de seu pae a buscar soccorro, viu, quando voltou, que ella se suicidára. Esta era a historia que elle contava, e que serviu de base á defeza. Não havia ninguém que podesse ter degolado a mulher, a não ser, com effeito, o proprio Wiggins, dando depois um golpe no seu pescoço, afim de dar base, com apparencia de verdade, á sua historia, e desviar de si as suspeitas. E isto é o que a accusação appresentou como a ordem exacta dos acontecimentos, e a decisão do jury confirmou.

Havia duas ordens de inqueritos necesarios para uma escolha entre as duas historias contrarias,—uma que se referia á fallecida, e outra a Wiggins. Logo á primeira vista a explicação d'este era improvavel. Parece-nos que a experiencia de toda a profissão medica sustentará connosco o seguinte, e é que, tomando um numero igual de degolamentos de suicidas, e de individuos assassinados, as feridas graves, não